

EDITORIAL

Mais uma vez, a conta não vai fechar. Os produtores não terminaram os trabalhos de colheita mas já sabem: será mais um ano em que a remuneração da lavoura não será suficiente para cobrir as dívidas. Isso porque, além dos financiamentos de custeio da safra, os agricultores devem pagar as parcelas prorrogadas no passado. No entanto, o endividamento ultrapassa os R\$ 5 bilhões, somente na lavoura. Quando não há prejuízo, as pequenas margens de lucro não cobrirão o rombo no bolso do produtor. Por isso, não se pode falar em euforia no campo.

Fala-se em safra recorde e otimismo no agronegócio, mas o produtor não pode se deixar levar pelos bons ventos que sopram para os demais elos da cadeia. Mesmo que a safra seja cheia, de boa qualidade e os preços remuneradores – três fatores que dificilmente ocorrem concomitantemente –, não se pode esquecer a dívida que carregamos. Antes de fazer investimentos é necessário verificar, na ponta do lápis, o que ainda podemos comportar. Não podemos ser eufóricos e irresponsáveis neste momento, pois o custo recairá sobre o produtor.

Para tentar amenizar o quadro, a Farsul tem pleiteado a redução dos juros agropecuários, que se mantêm em 8,75%. A taxa, fixada quando a Selic era de 23%, continua igual. A Selic, em contrapartida, já foi reduzida para 12,75%. Outra solicitação é reescalonar as dívidas acumuladas, de forma que seja possível ao produtor saldar seus compromissos, e evitar a inadimplência.

Este é o quadro que aguarda o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, empossado neste mês, em substituição a Luis Carlos Guedes Pinto. Em seu discurso de posse, Stephanes defendeu a necessidade de redução na taxa de juros para os financiamentos agrícolas. Disse estar determinado a brigar com outros setores do governo para atender às reivindicações dos representantes do agronegócio.

Fica, então, a expectativa que sejam tomadas medidas para amenizar os problemas do agronegócio, pois é ele o responsável pela produção de alimentos. Será difícil suportar mais um ano em que o produtor – depois de semear, monitorar, colher e comercializar – verá aumentar ainda mais o seu passivo junto aos bancos. O risco que se corre é sempre o mesmo: cansado, o produtor desista da atividade, venda as terras e dedique-se a outras atividades menos sujeitas aos solavancos do mercado e de tantos mandos e desmandos.

A palavra ainda

Blau Souza*

Quando se discutem pedágios e qualidade das estradas, é certo que estamos falando de rodovias, pelo menos no Brasil dos últimos cinquenta anos. Se voltarmos ao tempo da construção do castelo de Joaquim Francisco de Assis Brasil em Pedras Altas, à beira da ligação ferroviária Bagé – Rio Grande e no início do século passado, saltam algumas evidências que nos constroem. Sem falar de negócios e de mercadorias, sabe-se que Assis Brasil saía da granja indo de trem até Cacequi, lá tomava um dos vapores que faziam a navegação no Rio Ibicui e, pelo Rio Uruguai, chegava lampeiro para o desempenho das atividades diplomáticas nas capitais do Prata. Vejam que havia duas companhias explorando a navegação do Rio Ibicui... Assis Brasil, político, diplomata, agricultor, polemista e inventor deixou uma herança de trabalho e participação pontuada de histórias e esquisitices às vezes exploradas pelos adversários políticos. Eis uma delas e relacionada a sua habilidade no uso de armas de fogo, pois sua pontaria era conhecida até na Europa. Já entrado nos oitenta anos, vivia sua rotina de simplicidade, ainda que morando num castelo. Ia se adaptando às limitações impostas pelo tempo, na busca de uma felicidade conquistada a cada momento no convívio com a terra, com a natureza e com a família em Pedras Altas. Acolhia visitantes, fazia negócios e recebia presentes de amigos e correligionários. Numa dessas oportunidades, um casal amigo lhe trouxe um galo e duas galinhas de linhagem rara e que

muito agradaram ao anfitrião, homem educado e conhecido avicultor. Na conversa, o visitante perguntou se Assis Brasil ainda continuava com boa pontaria. “Não sei... vamos ver...” respondeu, o político enquanto disparava três tiros com arma de salão, decepando as cabeças das aves recém-chegadas. Antes que passasse a surpresa pelo ocorrido, Assis Brasil falou com voz pausada: “É. Ainda estou com a pontaria boa, mas vou-lhe dar um conselho: nunca use a palavra *ainda* para uma pessoa de mais idade... É a palavra mais agressiva que

Porte altivo, voz forte e sedutora, com uma memória incomum, Caio Flávio ora declamava, ora discursava, sempre com brilhantismo e desenvoltura. Guri de São Gabriel, veio para Porto Alegre e para a famosa Escola Técnica de Agricultura (ETA), em que se tornou amigo de Mozart Pereira Soares, de Leonel Brizola e de outras figuras ilustres. Mas, seguindo sua vocação, Caio Flávio formou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1949.

existe em nosso vocabulário...” Dito isso, Assis Brasil continuou falando animadamente e mostrando coisas da granja de que tanto se orgulhava.

Conto essa história como uma homenagem a seu divulgador, o Dr. Caio Flávio Prates da Silveira, falecido no último primeiro de março. Caio Flávio, grande conhecedor de Assis Brasil, contou-a no livro *O sexo... como humor na medicina*, que tive a honra de prefaciar em 1998, obra muito válida num mundo em que o homem está esquecendo de rir.

Porte altivo, voz forte e sedutora, com uma memória incomum, Caio Flávio ora declamava, ora discursava, sempre com brilhantismo e desenvoltura. Guri de São Gabriel, veio para Porto Alegre e para a famosa Escola Técnica de Agricultura (ETA), em que se tornou amigo de Mozart Pereira Soares, de Leonel Brizola e de outras figuras ilustres. Mas, seguindo sua vocação, Caio Flávio formou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1949. Clinicou na cidade natal por pouco tempo e voltou para Porto Alegre. Acolhido pelo professor Rubens Maciel, passou a lecionar medicina nas Enfermarias 9 e 29 da Santa Casa e participou dos primeiros tempos do Instituto de Cardiologia e do Hospital das Clínicas da UFRGS. Teve passagem por Brasília, em que jamais deixou de ser um embaixador da cultura do Rio Grande, que divulgou e engrandeceu como poucos. Isso superou em muito as vicissitudes e decepções que a política reserva aos que nela entram de boa fé, com “alma forte e coração sereno”. Várias vezes, presidente da Estância da Poesia Crioula, membro da Academia Rio-Grandense de Letras e de muitas outras entidades, ele era o amigo generoso, sempre pronto a ajudar os outros e incapaz de se queixar da vida, mesmo quando a saúde baqueava. Iniciei falando de estradas, de Assis Brasil, de tempos e situações passados e termino como andarilho, ainda buscando conhecer um pouco mais os caminhos do coração, que Caio Flávio conhecia tão bem.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE



FARSUL
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Chefe Divisão Administrativa:
Carlos Alberto Schütz
Chefe Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz
Ávila e arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
Circulação Mensal
Tiragem: 30.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170